



Revista Brasileira de História

ISSN: 0102-0188

rbh@edu.usp.br

Associação Nacional de História

Brasil

Junqueira, Mary A.

Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções

Revista Brasileira de História, vol. 21, núm. 42, 2001, pp. 323-342

Associação Nacional de História

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26304204>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções*

Mary A. Junqueira.
Universidade de São Paulo.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as representações sobre a América Latina construídas pela revista Seleções do Reader's Digest, entre 1942 e 1970, e mostra como essas representações estiveram informadas pela idéia de *wilderness*, profundamente enraizada no imaginário norte-americano.

Palavras-chave: imaginário; representações; Estados Unidos/América Latina.

ABSTRACT

This article intends to analyse the representations about Latin America produced by Seleções do Reader's Digest magazine, from 1942 to 1970. It demonstrates that these representations were influenced by *wilderness* imaginary, which is deeply rooted in North American culture.

Keywords: imaginary; representations; United States of America/Latin America.

Um mundo estranho, difuso e desolado: imensos “territórios vazios”, população concentrada no litoral, em geral composta por homens primitivos, mestiços e pobres, vivendo sem leis, sem ordem, sem as facilidades do mundo civilizado. Assim foram descritas por Seleções do Reader's Digest a região territorial e as sociedades latino-americanas entre 1942 e 1970.

Seleções era a versão brasileira do Reader's Digest norte-americano, revista lançada nos Estados Unidos em 1922 e um sucesso absoluto de público naquele país. No Brasil, Seleções entrou em 1942 — plena Segunda Guerra Mundial — pedido de Nelson Rockefeller ao Departamento de Estado norte-americano. Rockefeller, na época, tinha interesses comerciais na América Latina em geral, e no Brasil em particular. A solicitação devia-se ao fato da revista mostrar uma imagem positiva dos Estados Unidos, apresentados como o único país capaz de reverter o equilíbrio de forças da guerra, fazendo a balança pender de forma decisiva para o lado dos Aliados.

DeWitt Wallace, fundador da revista, optou pelo lançamento do periódico no Brasil, embora as pesquisas de mercado apontassem para a ausência de uma classe média significativa na América Latina, aspecto que poderia inviabilizar o negócio. No entanto, o esforço de guerra merecia o risco. Nascia assim a famosa

Seleções, revista que fez muito sucesso entre os brasileiros até 1970, quando os escritórios da revista saíram do Brasil em direção a Portugal, período em que a revista foi perdendo seus leitores até praticamente desaparecer¹, momento que coincide com a popularização da televisão no País.

Construída a partir de textos curtos, simples e bem escritos, de leitura agradável e trazendo sempre mensagens de otimismo, Seleções mostrava os norte-americanos como simpáticos e espontâneos e os Estados Unidos como um país harmonioso e ordenado, formado por uma sociedade WASP — *White, Anglo-Saxon, Protestant* (branco, anglo-saxão e protestante), perspectiva que excluía católicos, negros, índios e imigrantes em geral.

As versões internacionais do Digest surgiram no contexto da guerra: em 1938, foi lançada uma edição na Inglaterra; em 1940, no México; em 1942, no Brasil e, no pós-guerra, em vários países da Europa e África. Além disso, houve edições em chinês, em japonês e uma edição árabe. Todas as versões do Digest alcançaram enorme êxito nos países em que circularam, com exceção da versão em árabe, embora esta tenha sido planejada para circular no Egito, sociedade com uma influência ocidental considerável.

Meu interesse concentrou-se nas imagens apresentadas pela versão brasileira Seleções sobre a América Latina, uma vez que a revista opinou sobre diversos aspectos da realidade latino-americana em momentos decisivos desse século. Embora os editores da revista tenham gasto muita tinta para mostrar os Estados Unidos lutando em nome de princípios éticos e morais — tanto durante a guerra, quanto durante a guerra fria —, o primeiro aspecto que chamou a atenção foi o fato de Seleções abrir um espaço considerável nos seus artigos para a descrição, dimensão e classificação dos territórios latino-americanos. O foco de interesse da revista esteve, basicamente, vinculado aos interiores dos países da América Latina.

Ao olhar para os territórios da região, a revista os considerava “vazios”, abandonados, sem a transformação necessária para atingir o progresso e o desenvolvimento de um mundo moderno. Como consequência, o latino-americano, com raras exceções, era visto como passivo, sem interesse e iniciativa. O oposto do norte-americano que havia “resolvido o problema dos territórios vazios” norte-americanos e dos índios ainda no século XIX. Dentro dessa ordem de idéias, eram reforçados em Seleções estereótipos sobre a América Latina e os latino-americanos que se formaram ao longo dos séculos passados e que, muitas vezes, foram (re)construídos não só pela mídia, mas também por romancistas, intelectuais, cientistas, naturalistas, pensadores, etc².

A IDÉIA DE *WILDERNESS* NO IMAGINÁRIO NORTE-AMERICANO

Os territórios da América Latina, especialmente os do interior do Brasil, os Andes e partes da América Central foram classificados pela versão brasileira *Seleções* do Reader's Digest como “Oeste”, “fronteira”, “última fronteira”, e na revista norte-americana Reader's Digest,** como *wilderness*. Vou me deter aqui, exclusivamente, na idéia de *wilderness*, a fim de tentar mostrar a complexidade de significados que envolvem o termo.

Foram nomeados como *wilderness* a floresta tropical latino-americana e os países que fazem parte do complexo amazônico. O subtítulo do artigo escrito por um norte-americano que viajara pelo rio Amazonas, informa:

“*An unforgettable journey into the world's last primeval wilderness*”
(Uma inesquecível viagem ao último *wilderness* primevo) — (Digest — set/63 — p. 210).

Embora a região do Amazonas fosse a mais repetidamente classificada como *wilderness* — complexo geográfico ainda intocado pelo homem —, outras regiões do Brasil foram tratadas da mesma maneira. Este é o caso do artigo em que a palavra *wilderness* aparece no título:

325

“*Conqueror of the Brazilian Wilderness*.”
(Conquistador do *wilderness* brasileiro) — (Digest — jun/46 — p. 45).

Este artigo trata da trajetória de Rondon pelo interior do Brasil, “civilizando índios”, estabelecendo a rede de telégrafos, mapeando e classificando os territórios desconhecidos. O outro artigo, no qual a palavra aparece no título, é:

“*Dream City in the Wilderness*”
(Cidades dos Sonhos no *Wilderness*) — (Digest — abr/59 — p. 181).

Aqui trata-se da construção de Brasília na região central do País, considerada como desolada pelo Digest. Além das referências ao Brasil, foram chamados de *wilderness* na América Latina, os Andes e a América Central. Mas também foram classificados do mesmo modo as Filipinas, o Vietnã, alguns espaços geográficos africanos ou ainda regiões de países considerados “desenvolvidos”, como os do Canadá. A palavra aparece no título de um dos livros condensados que vinham ao final de cada volume da revista:

"Three against the Wilderness."

(Três contra o *Wilderness*) — (Digest — out/59 — p. 97).

No texto é relatada a aventura de três jovens perdidos nas vastidões geladas do Canadá; portanto, o Digest nomeava como *wilderness* regiões diferentes, países considerados pobres e outros considerados ricos. Cabe então perguntar qual o significado da palavra *wilderness*, uma vez que foi utilizada para descrever regiões com características econômicas e geográficas diferentes.

O historiador norte-americano Robert Darnton sugere que, quando um pesquisador se defronta com áreas de “opacidade e silêncio” deve aí se deter; pois “quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de que encontramos algo. Analisando o documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranho”³. Segundo essas sugestões foi possível perceber que *wilderness* é uma palavra de difícil tradução para qualquer língua de origem latina — nem sequer em inglês é possível encontrar uma definição fácil —, possui uma carga tão excessiva de significados pessoais e simbólicos que não resiste a uma definição conclusiva.

326

O *wilderness* é considerado um dos elementos básicos da construção da identidade e do nacionalismo norte-americanos. Segundo Roderick Nash, da matéria-prima do *wilderness* físico os norte-americanos construíram sua cultura, conferindo-lhe identidade e significado desde os primeiros colonos⁴. A palavra é um substantivo, mas é usada constantemente como adjetivo; não existe um objeto específico com o nome de *wilderness*. A palavra indica qualidades — característica do sufixo inglês *ness* —, a produção de humores, sensações e sentimentos no indivíduo. Está relacionada aos lugares que produzem sentimentos e sensações no homem. *Wilderness* é, constantemente, confundida com a palavra *wildness*. Ainda que o sentido desta esteja incluído naquela, as palavras se distinguem quanto ao significado e são pronunciadas de forma diversa, pois derivam de raízes diferentes. *Wilderness* pode ser traduzido para o português como “selvageria”, enquanto *wilderness* possui sentidos mais complexos e subjetivos.

A chave para se entender o significado da palavra está em perceber que *wilderness* é uma espécie de estado mental que toma o indivíduo, quando da observação de um determinado lugar. Antes de mais nada, é preciso voltar-se para o observador: é mais revelador notar o que o observador aponta como *wilderness* do que procurar uma definição pronta da palavra. É o olhar do homem que dá sentido ao *wilderness*.

A etimologia da palavra ajuda a entender as ambigüidades dos significados: *wilderness* está na origem da língua anglo-saxã, no teutônico; vêm de *wild-*

eor, que significa besta selvagem. A partir deste vocábulo surgiu no inglês arcaico (*old English*) o verbo *to wilder*, amplamente utilizado por poetas e escritores; significa perturbar, deixar perplexo, desnortear, desencaminhar, extraviar.

Do verbo *to wilder* surgiu a palavra *wilderness* — traduzida pelo dicionário *Webster* por: deserto, ermo, sertão, solidão, região inculta, imensidão, grande quantidade, multidão, miscelânea. Na linguagem corrente é mais comum a utilização do verbo *to bewilder*, que possui os mesmos significados de *to wilder*. Este é o caso de um artigo da revista norte-americana *Digest* de título: “*What's Behind Our Trouble with Latin America?*” (“O que há por trás dos nossos problemas com a América Latina?”), em que o verbo *to bewilder* é utilizado com relação a toda a América Latina:

(...) quando um americano inteligente e com amplos interesses olha em direção ao sul, ele fica *bewildered* por um paradoxo. Ele vê nações estabelecidas 400 anos atrás e ainda subdesenvolvidas, com vastas terras, diversos recursos e um tipo apenas de economia; democracias constitucionais controladas por ditadores, terras onde inumeráveis revoluções não resolveram problemas básicos. O interesse do americano provavelmente diminui... Uma das causas naturais do subdesenvolvimento da América Latina é a sua geografia de montanhas, florestas e áreas que alternam enchentes e secas (*Digest* — ago/58, p. 65 — tradução minha).

327

Como vimos, não era apenas o cerrado do Brasil ou a floresta amazônica, já citados anteriormente, a ser classificados pelo *Digest* como *wilderness*. Aqui, o verbo *to bewilder* remete o significado para toda a América Latina. Neste excerto é claro o sentimento de perplexidade e a cautela do norte-americano ao se deparar com as contradições latino-americanas. A utilização da palavra *bewildered* sugere uma espécie de estado mental e informa que o norte-americano sente-se em frente de um *wilderness* quando se volta para a América Latina. A partir do observador, o autor do artigo assume um sentido mais amplo: não trata apenas do território e da sua geografia — considerada como uma das causas do atraso da região —, mas de algo incompreensível para ele: a forma como se desenvolve a política, a economia, o modo de vida latino-americano. Afirma que o interesse diminui quando se depara com uma região com tais características, confirmando a dificuldade do autor — que ele remete para os norte-americanos em geral — em considerar um mundo diferente daquele dos Estados Unidos.

Na sua forma mais antiga, a palavra *wilderness* foi utilizada para qualificar as florestas, os lugares habitados por “bestas selvagens” ou homens selvagens, os *wildmen*, significando que o homem era tomado de estranhamento, sentindo-se desorientado quando no interior dessas florestas. Assim, a palavra *wilder-*

ness apareceu primeiro para relacionar o espaço da floresta aos perigos e temores referentes à sobrevivência humana. É também uma palavra bíblica, e foi bastante utilizada desde a primeira tradução do antigo livro hebreu para o inglês para designar os lugares áridos e desolados. A fim de demonstrar a sua caridade, Deus fazia com que brotasse água no *wilderness*, assim os lugares classificados como *wilderness* foram várias vezes relacionados com lugares de difícil acesso e árdua permanência para o homem. No Êxodo, o espaço percorrido por Moisés durante quarenta anos através do Sinai — Do Egito até Canaã —, enfrentando as pragas e dificuldades, é chamado de *wilderness*. No Novo Testamento, Jesus Cristo esteve durante quarenta dias isolado no *wilderness*, onde foi tentado pelo demônio⁵.

No entanto, o mais importante a reter aqui são os sentimentos que estes lugares produzem: desnorteamento, perplexidade e estranhamento. A compreensão do significado de *wilderness*, geralmente, está relacionada a um lugar onde a percepção humana é abalada, ampliada ou ainda perturbada. A relação é de permanência do homem num meio ambiente estranho, onde a civilização que normalmente ordena e controla a sua vida está ausente. É onde o homem perde as referências que governam e dão segurança ao seu cotidiano. Qualquer lugar em que o homem se sinta sem orientação pode ser chamado de *wilderness*⁶. Dessa forma, é possível encontrar a palavra qualificando oceanos, desertos e florestas. Mais recentemente, especialmente no período da corrida espacial entre Estados e a ex-URSS, a paisagem lunar foi chamada de *wilderness*, no sentido de lugar árido e ermo.

O mais interessante, no entanto, é o fato de alguns observadores qualificarem as grandes cidades como *wilderness*. Lugares onde os habitantes se sentem sozinhos em meio à multidão, fragmentados e perdidos, perdendo os laços tradicionais de relacionamento. As grande metrópoles norte-americanas como Nova York, Chicago e Los Angeles têm sido interpretadas, em função do seu gigantismo e “desumanidade”, como espaços que difundem temores, provocam a solidão individual e espalham pânicos esporádicos, sendo assim qualificadas como *wilderness*⁷. Isso quer dizer que um habitante da cidade pode ver o *wilderness* no campo e o homem do mundo rural poder ver o *wilderness* na cidade.

Até aqui vimos como a palavra *wilderness* foi utilizada de forma negativa para qualificar vários espaços geográficos, inclusive o espaço urbano. Mas a palavra é também empregada para exprimir conotações positivas. Este é o caso do movimento religioso-filosófico conhecido como transcendentalismo, de Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. Estes homens percebiam o *wilderness*, no século XIX, como lugar da contemplação, da revelação, do encontro com o divino. Lugar que provocava, sim, sentimentos no ser humano, mas sentimentos elevados e que funcionavam como comunicação com o sagrado. Segundo

Thoreau, no *wilderness* estava a preservação do mundo, era das florestas e do *wilderness* que viriam a tônica que daria sentido ao gênero humano.

Para Thoreau, no *wilderness* se encontra a essência da humanidade, as características mais sensíveis do ser humano. Para ele, da centelha divina provocaada pelo *wilderness* era possível “melhorar moralmente o homem”. Era um *insight* raro e delicado, mas que deveria ser freqüentemente exercitado por todos os homens. O movimento ecológico recente recuperou o transcendentalismo e propôs a preservação do *wilderness* como uma das formas de melhorar a vida no planeta, conferindo, em certos momentos, características sagradas ao *wilderness*.

Wilderness é, então, o lugar onde a percepção sensorial humana é tocada, onde o inteligível e o sensível aparecem alterando de forma determinante os sentidos. É um espaço enigmático, muitas vezes impenetrável e indefinível; que provoca inquietação, apreensão e estranhamento. Mas é também o lugar da contemplação da revelação, da epifania, do *insight* e da catarse. É uma espécie de “lugar imantado” que pode exercer sobre o “homem civilizado” atração ou repulsa⁸. Sendo assim, pode-se dizer que o homem não sai do *wilderness* da mesma forma que entrou. Percebido como experiência única de perda ou de criação, é também o lugar do fortalecimento físico e moral, espaço geográfico que o homem procura a fim de testar a sua força física ou até regenerar a sua própria vida.

329

Dessa maneira, é possível afirmar que o *wilderness* faz parte do imaginário norte-americano, é uma espécie de bem simbólico cultural daquele país⁹. A palavra foi empregada para exprimir sentimentos, sensações, percepções com conotação tanto negativa, quanto positiva. Foi utilizada em diferentes momentos históricos para justificar o domínio dos territórios do Oeste que não pertenciam aos Estados Unidos no século XIX; como funcionou para que se preservassem áreas ambientais que eram consideradas vitais para a humanidade.

WILDERNESS E LITERATURA

Se é no *wilderness* que o homem se vê confrontado com a sua condição humana, com seus sentimentos mais íntimos, é na literatura que encontramos de forma mais abrangente o seu sentido enigmático, mais precisamente nos “romances geográficos de aventura” da literatura inglesa, como os que trata Daniel Defoe, no início do XVIII, Kipling e Stevenson no XIX, e Conrad na virada para o século XX.

Alguns autores norte-americanos trataram do *wilderness* dentro do próprio país, como foi o caso de Fenimore Cooper no XIX¹⁰ (o *wilderness* era mag-

nífico, mas que inevitavelmente seria conquistado) e William Faulkner (via o *wilderness* de forma nostálgica, principalmente no seu famoso conto “O Urso”) no século XX. Mas também alguns escritores se ocuparam do *wilderness* fora do país, como no caso de Herman Melville (que via os oceanos como *watery wilderness*), Jack London, que muitas vezes representou o *wilderness* nas regiões geladas do Canadá e no Alaska, que ainda não era estado da União (o Alaska foi incorporado em 1959). Na sua vida pessoal, London procurou o *wilderness* para testar a sua força física e determinação, representando esta característica na literatura. Além disso, acreditava na atração irresistível que o *wilderness* exercia sobre o homem civilizado, idéia celebrizada no seu famoso *The Call of The Wild* (O Chamado do Selvagem).

Além destes autores, que viam o *wilderness* em ambientes isolados, há os contos clássicos de Nelson Algren, *The Neon Wilderness*, tratando exclusivamente da solidão nas grandes cidades e dos sentimentos de isolamento e do anonimato. Existem também romances que tratam do *wilderness* em relação às paisagens estrangeiras, aos instintos esquecidos e brutais, num universo muitas vezes opaco e indefinível. Nessa direção, os trabalhos de Joseph Conrad, considerado um dos maiores escritores deste século, funcionam como um bom exemplo. Conrad era polonês, mas mudou-se para a Inglaterra, onde se tornou um grande conhecedor da língua inglesa. Os textos de Conrad são interessantes para o entendimento da palavra *wilderness*, em virtude dos seus mais expressivos romances (*Heart of Darkness*, *Nostrromo* e *Lord Jim*) serem considerados uma grande representação do *wilderness* na literatura¹¹.

Vamos nos deter em *Heart of Darkness*, no qual o narrador Marlow relata a sua fantástica viagem a serviço de uma companhia belga exploradora de marfim. Marlow descia o rio Congo num vapor inglês até o coração da floresta tropical africana. Sua incumbência era ir ao encontro de Kurtz, homem que trabalhava para a mesma companhia e encontrava-se no ponto mais remoto da floresta. O clima da viagem era ameaçador. A floresta era mítica, sombria, possuía vida própria e produzia um silêncio aterrador. Marlow descia o rio, como descia aos infernos. Esta viagem ao interior do *wilderness* aos poucos abalava os nervos de Marlow. Sua tarefa era interromper as atividades de Kurtz que, instalado no posto mais distante da exploração do marfim, estava fora do controle da companhia. Kurtz passara a viver com os selvagens e tornara-se uma espécie de divindade para as populações locais, impondo aos nativos leis e condenações próprias. Conrad referia-se ao *wilderness* como o espaço do incompreensível.

(...) aquela vida misteriosa do *wilderness* que se move na floresta, nas selvas, nos corações do homem selvagem. Não há nenhuma iniciação em tais mistérios. Ele tem que viver em meio ao incompreensível, que por sua vez é também detestável.

Mas há a fascinação que o domina. Você sabe como é, o fascínio pelo abominável (...)¹². (Tradução minha)

Conrad procurava abordar o lado sombrio da condição humana, ao mesmo tempo que denunciava o imperialismo inglês. Com esse objetivo escolhia o ambiente africano: o *wilderness*. Lá no lugar hostil e sombrio, os nervos de Marlow eram abalados e faziam com que Kurtz perdesse o controle sobre si próprio. Em outras palavras, Kurtz levara o empreendimento imperialista às últimas consequências, atenuando assim os limites entre a civilização e a barbárie no interior do *wilderness*.

O cineasta Francis Ford Coppola utilizou a estrutura de *Heart of Darkness* de Conrad para criar o roteiro de *Apocalypse Now*¹³, filmado em 1979 e considerado um dos grandes filmes sobre a guerra do Vietnã. Desta vez, um oficial do exército norte-americano, também chamado Marlow, descia o rio Mekong à procura de um outro oficial de alta patente que havia desertado e encontrava-se em meio à floresta tropical vietnamita. Coppola fala dos horrores da guerra do Vietnã, procurando entender em que lados estavam a civilização e a barbárie.

O *wilderness* de Conrad e Coppola eram ambientes imaginados como sombrios e aterradores, que abalavam profundamente o homem civilizado. Talvez, por isso, o *wilderness* foi caracterizado mais vezes como negativo que positivo; como consequência, o *wilderness* era um lugar que devia ser controlado e transformado pelos padrões considerados “civilizados”.

331

WILDERNESS NA HISTÓRIA NORTE-AMERICANA

Desde a chegada dos primeiros peregrinos em 1620, encontram-se nos documentos referências ao *wilderness*. Os peregrinos faziam parte de uma das seitas protestantes extremistas, chamada *The Separatists* (Os separatistas), que se recusava a estabelecer alguns acordos com a igreja inglesa no final do século XVI. Os peregrinos, ao atravessarem o Atlântico a bordo do navio Mayflower, comparavam-se aos hebreus, o povo eleito por Deus, ao atravessar o rio Jordão rumo à terra prometida. Travessia do *wilderness*, que também significava passar por provações a fim de alcançar a terra prometida. Alguns dias depois de chegar em Plymouth, próximo a Cape Cod, o líder dos separatistas, William Bradford, afirmava:

Por hora, não posso parar e fazer uma pausa e assombrar-me ante o estado atual desta pobre gente...Havendo assim cruzado o vasto oceano e suportado um mar de dificuldades antes e durante a preparação...eles não possuem agora amigos que

Ihes dêem boas vindas, nem pousadas para reconfortar e acolher os povos e os que solicitam socorro... E quanto à estação, era inverno, e quem conhece os invernos deste lugar sabe que são rudes e violentos e sujeitos a crueis e formidáveis tormentas, perigosos para quem viaja a lugares conhecidos, e muito mais para quem reconhece uma costa desconhecida. Ademais, o que podiam ver, além de um *wilderness* horrível e desolado, cheio de bestas e homens selvagens? Quem os podia apoiar agora, salvo o espírito de Deus e sua graça?¹⁴ (Tradução minha)

Bradford registrou a primeira impressão dos peregrinos sobre o *wilderness* norte-americano. Se no período das descobertas os europeus viam o novo mundo como paraíso¹⁵, quando chegaram aos territórios desconhecidos e se deparam com as dificuldades do meio ambiente e os riscos inevitáveis — como os ataques indígenas — a região passou ser considerada hostil. A solução era dominar o mais rápido possível o meio ambiente adverso.

Num primeiro momento, os peregrinos cultivaram uma relação com os índios — as criaturas do *wilderness* —, com quem aprenderam meios de sobrevivência, como o cultivo do milho, planta originária das Américas. Este procedimento os salvou da morte certa e do enfrentamento com os rigorosos invernos da região. Num segundo momento, os peregrinos já estabelecidos, e com a chegada de novos imigrantes protestantes da Inglaterra procuraram civilizar o *wilderness*, anexando as terras em que viviam os índios. John Winthrop, puritano, um dos colonizadores e depois governador de Massachusetts Bay, informava:

Eles (os índios) não cercam a terra, não têm habitação permanente e nenhum deles domestica o gado para melhorar a terra, e por isso têm somente o direito natural sobre estas terras. Assim, se deixarmos terra suficiente para seu uso, podemos legalmente tomar o resto.¹⁶

Os colonos tinham-se como comunidade sagrada no século XVII e acreditavam poder decidir sobre o destino dos habitantes naturais da terra que começavam a colonizar. Firmava-se assim a impossibilidade de convivência entre o *wilderness* e a civilização. Ao longo dos séculos seguintes, o pioneiro que ia para o posto avançado da fronteira encarava o *wilderness* como um mundo novo, repleto de possibilidades¹⁷; mas também era assaltado por diversos temores, das as dificuldades encontradas no dia-a-dia, novamente os constantes ataques indígenas. A solução continuava a ser dominar o meio ambiente hostil.

Ainda que os Estados Unidos tenham sido colonizados por uma diversidade grande de grupos, foram os peregrinos e os seus textos sobre a travessia do oceano Atlântico, o pacto do *Mayflower* e as dificuldades encontradas no início da colonização que permaneceram mais fortemente no imaginário daquele país.

Assim, os peregrinos se transformaram em heróis e a “saga” da travessia do Atlântico, em mitologia. Ainda hoje, a idéia de povo eleito — (re)construída pelos peregrinos a partir da Bíblia — é recuperada freqüentemente e tornou-se essencial para entender o imaginário norte-americano. Isto não quer dizer que todos os norte-americanos concordem com tal visão, mas sim, que eles concordam que a idéia de povo eleito — constantemente revisitada por políticos, escritores e pela mídia — é uma criação da cultura norte-americana. Textos e sermões dos peregrinos são lembrados ainda hoje, pois encontram ressonância na sociedade norte-americana¹⁸. Foram utilizados tanto por conservadores, como foi o caso de Ronald Reagan, quanto pela resistência, como foi o caso de Martin Luther King Jr. no período da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.

Durante e logo após as guerras de Independência, os conhecidos pais fundadores — Jefferson, Madison e Hamilton — procuraram dar unidade às treze colônias, evitando os perigos da desunião. A unidade norte-americana foi construída contra um inimigo externo comum, a Inglaterra. A idéia de nação, especialmente reforçada pela Nova Inglaterra, passou a ser organizada sobre a argumentação de que os norte-americanos formavam uma nação única, cujos cidadãos eram “herdeiros diretos” dos peregrinos. Recuperavam-se aqui os puritanos para construir a nova nação, a fim de afirmar que o mundo que construíam era diferente e superior a todos os outros que existiam na Europa, ainda fortemente católica e monárquica. Imaginavam estar criando uma sociedade exclusiva e incomum; mundo novo e dinâmico, ainda inexistente na face da Terra. Em outras palavras, os homens que fizeram a Independência norte-americana e construíram a nova nação queriam romper com a autoridade do rei, mas procuravam vincular-se às transformações perpetradas pela reforma protestante. Houve, então, uma conjunção entre as idéias de República e os sentimentos religiosos dos peregrinos, criando o que hoje se chama nos Estados Unidos de “religião civil”***. A tradição de eleição divina, construída pelos puritanos, foi recuperada e reforçada pela nação independente e transformada em mitologia nacional¹⁹.

333

Com a Independência, criou-se ainda uma outra idéia: a de que o norte-americano era um novo tipo de homem, completamente desvinculado do passado, “emancipado da História”, por isso inocente e espontâneo, sem pecados e culpas, identificado com o Adão antes da queda. Era o começo absoluto, início de uma outra História desconectada do passado: o Adão norte-americano tinha apenas o futuro pela frente. Não era somente a separação da Europa que estava acontecendo durante e após a Independência, era principalmente a desvinculação completa de sua História. Tudo o que lembrasse a Inglaterra devia desaparecer. Dessa maneira, a nascente democracia norte-americana vinha acompanhada por um enorme sentimento de possibilidades, mas também por

sentimentos de impaciência, intolerância e hostilidade. Não se pode esquecer que os valores democráticos norte-americanos foram construídos a partir das idéias liberais europeias, procurando manter a liberdade da livre iniciativa contra o controle da coroa inglesa.

Ao novo homem norte-americano, tido como inocente e dotado de energia excepcional, cabia uma tarefa incomum: construir um mundo a partir do zero. Como um novo Adão, motivado pelas melhores das intenções, podia tudo tentar²⁰. A idéia de separação da Europa foi amplamente veiculada por políticos e representada por romancistas, poetas e pintores. A natureza — o *wilderness* norte-americano, principalmente o da região norte do país —, que em alguns momentos da colônia era encarada como entrave para o estabelecimento dos peregrinos na região, dadas as dificuldades do clima frio, passou a ser entendida como algo que diferenciava a América da “velha Europa” desgastada e decadente. Surgem nesta época, no Leste, os primeiros paisagistas norte-americanos, os da chamada “escola do rio Hudson”. Estes pintores representaram de forma impressionante o *wilderness* da jovem nação. Naquelas telas, o *wilderness* norte-americano foi apresentado como a singularidade norte-americana, diferente da decadente Inglaterra. Eles construíram uma arte nacionalista e constitutiva da identidade²¹. A construção imaginária de uma natureza virgem e intocada no novo mundo, a concepção de terra habitada pelo homem norte-americano representado como excepcional — o Adão inocente — transformavam os Estados Unidos numa espécie de Éden bíblico.

De qualquer forma, importava mais a Geografia que a História. Richard Hofstader, com muita propriedade, afirmou que “o tempo é a dimensão da História, mas a dimensão básica da imaginação norte-americana é o espaço. Os norte-americanos tratam de compensar o sentido de tempo de que careciam, por meio de um sentido amplo de espaço. Seu pensamento não remonta a uma antigüidade que não conhecem, se dirige para fora, a um teatro geográfico de ação mais amplo, não ao teatro do passado, mas sim ao futuro”²². Certamente a concepção norte-americana de espaço territorial como teatro de ação — dominando o *wilderness* e estabelecendo o progresso — prevê atitudes imediatas, pragmáticas e utilitárias.

Na segunda metade do século XIX, aparecia com notável rapidez o resultado da ação dos homens transformando o *wilderness*: fazendas de produção ou criação de gado, a industrialização crescente, a implantação das estradas de ferro cortando o continente do Atlântico ao Pacífico²³, o extermínio de índios e animais, pondo abaixo o antes fabuloso *wilderness* — símbolo da nova nação —, fazendo com que conservacionistas iniciassem um movimento de crítica à modernização e denunciassem que o *wilderness*, tido como algo exclusivo da nação norte-americana, estava sendo devastado. Surgia portanto uma idéia absoluta-

mente nova na época: transformar partes do que restara do *wilderness* em parque nacional. Os Estados Unidos inventaram a idéia de preservação da natureza primária em parques nacionais e foram o primeiro país a estabelecer uma região com estas características: o parque nacional *Yellowstone*, criado em 1872, depois de um amplo debate no Congresso. Nesta época, os conservacionistas norte-americanos, como John Muir Wood e Aldo Leopold, entendiam por *wilderness* a natureza intocada e os animais selvagens que a habitavam, ao contrário de outros que imaginavam o *wilderness* transformado em zona agrária.

O objetivo era reservar algumas áreas para a preservação, como *Yellowstone*, conhecido pelas suas fontes termais e fenômenos raros como os *geysers* (fonte quente com erupções periódicas). O argumento para se conseguir tal solução era o de que as áreas que pretendiam vir a ser parques nacionais eram belas, mas pobres para a agricultura. Assim poderiam se tornar “áreas selvagens públicas”, onde o norte-americano poderia contemplar e se sensibilizar com o *wilderness* intocado. Em 1872, *Yellowstone* se transformara em Parque Nacional. Em 1890, *Yosemite* na Califórnia seguia o mesmo processo, graças à insistência do conservacionista John Muir Wood.

Vale lembrar que o território de *Yellowstone* era habitado na segunda metade do século XIX pelos índios *Crow*, *Blackfeet* e *Shoshone-Bannock*. Estes índios eram descritos como bestas selvagens pelos norte-americanos e foram retirados do território do parque e confinados em reservas, a fim de cumprir a idéia de que *Yellowstone* era o local do *wilderness* - agora visto como espaço da natureza intocada²⁴ —, espécie de paraíso perdido onde homem algum colocaria o pé.

335

Na virada do século XIX para o século XX, o extermínio de animais já era notado não só nos Estados Unidos, como na África, uma vez que o continente africano possuía um sem-número de animais que não existiam em outros países e corriam o risco de extinção. As colônias européias na África tornaram-se fornecedoras de animais para exibição em zoológicos, fornecedoras de peles e do precioso marfim, o que já colocava várias espécies em risco.

Grupos norte-americanos e ativistas ingleses pressionavam o governo da Inglaterra com o intuito de criar reservas na África, onde a caça deveria obedecer a algumas regras. Destacou-se nesta empreitada Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos entre 1901 e 1909, que tinha idéias completamente diferentes das dos conservacionistas como John Muir Wood e Aldo Leopold. Roosevelt era exímio caçador, prática adquirida nos constantes confrontos com o *wilderness*. Embora o presidente se preocupasse com a preservação, inquietava-se com a possibilidade de extinção dos animais selvagens e, por isso, de ficar sem o prazer do esporte da caça. Criando-se reservas africanas com licença para safáris, estações em que era proibido o esporte e a criação de métodos de cap-

tura, era possível manter os rebanhos em algum equilíbrio e, por consequência, manter os safáris. Assim, na África do Sul primeiro se estabeleceu uma área chamada *Sabi Game Reserve* (Reserva de Caça Sabi), controlada particularmente pelos caçadores e para os caçadores. Em 1926, esta área se transformou no *Kruger National Park* (Parque Nacional de Kruger), baseado no conceito de parque nacional norte-americano (*Yellowstone* e *Yosemite*), onde a vida selvagem deveria ser preservada, extinguindo-se por isso a atividade da caça²⁵.

Theodore Roosevelt havia estabelecido para a América Central a política do *Big Stick* (porrete grande). Baseado nas diretrizes dessa política, por diversas vezes interviera em países naquela região e criara no Panamá o famoso canal, região que — dada a presença de impenetráveis florestas — foi chamada de *wilderness* pelo presidente. Roosevelt foi considerado por uns o “último dos românticos”; por outros, o homem que havia levado para a política o modo de vida do homem da fronteira: bem intencionado, rude e ativo, dizia-se responsável pelo estabelecimento de uma sociedade ainda mais igualitária e ordenada.

Depois do fim do seu mandato, envelhecido, mas ainda voluntarioso, Roosevelt resolveu provar novamente a sua força física, fazendo uma viagem pela América do Sul, entre 1913 e 1914. Nesta trajetória passou pelos Andes, Paraguai, e atravessou o Amazonas numa expedição com o marechal Rondon. Lá, Roosevelt e Rondon mapearam um rio, então desconhecido (o rio da Dúvida), que passou a se chamar rio Roosevelt²⁶. O ex-presidente norte-americano deixou um relato sobre essa viagem no livro de título: *Through The Brazilian Wilderness*, traduzido no Brasil por *Nas Selvas do Brasil*. Afirmava ele:

Uma quantidade imensa de trabalho, geográfico e zoológico, permanece a ser feito na América do Sul, neste verdadeiro *wilderness*²⁷ (tradução minha).

Roosevelt foi acometido de malária algumas vezes durante a viagem. Constante que jamais se recuperou completamente do esforço realizado. As imagens do *wilderness* atraíam o ex-presidente norte-americano, levando-o inclusive a fazer uma viagem arriscada ao Amazonas, uma das últimas regiões completamente desconhecidas do planeta, conforme o próprio Roosevelt. Assim podemos afirmar que a revista *Seleções* não foi a primeira a tratar a América Latina como um *wilderness*, outros norte-americanos já o tinham feito, atraídos pelo desconhecido e pelas potencialidades da região.

Vimos de que maneira a idéia de *wilderness* foi se tornando um elemento do imaginário norte-americano e tornando-se uma referência determinante para a cultura nacional. Pode-se, por conseguinte, afirmar que um dos elementos centrais da construção da nacionalidade norte-americana deu-se com a versão mítica do avanço contínuo da fronteira e do domínio do *wilderness*, tema tão ca-

ro a Hollywood na produção de incontáveis *westerns*. Nessa aventura épica, dever-se-ia confinar tudo que era classificado como selvagem: a natureza em parques nacionais, os índios em reservas, e algumas raças de bisões — que destruíam constantemente os trilhos dos trens — foram encerradas para fins comerciais. Vale lembrar que em curto período de tempo os norte-americanos exterminaram 60 milhões de cabeças de bisões. O que fosse classificado como selvagem deveria estar sob controle do homem branco, civilizado, confirmado o norte-americano como o único senhor do enorme continente conquistado.

WILDERNESS E SELEÇÕES

Voltemos agora ao Digest e à versão brasileira Seleções. DeWitt Wallace, o fundador da revista, nasceu em 1889 em Minnesota. Nascido e criado nos territórios do Oeste, era profundamente impregnado pelos mitos da fronteira, pelas imagens das vastas planícies e pela cultura protestante norte-americanas. Ao montar a sua revista, soube escolher funcionários e executivos que de alguma maneira possuía sentimentos e idéias semelhantes. Ainda que a revista tratasse de uma grande variedade de temas, os personagens lendários do Oeste, os “verdadeiros *self made man*” e seu eterno confronto com o *wilderness* apareciam constantemente na revista. Para o Digest, os Estados Unidos conheceram grande desenvolvimento graças às potencialidades do *wilderness*, aos primeiros pioneiros e, acima de tudo, aos *farmers* — os primeiros pequenos fazendeiros que se fixaram na região e formaram a classe média rural —, a “coluna vertebral das boas democracias”, segundo Wallace. O objetivo do Digest era (re)inventar esta América inocente, simples e poderosa. Wallace procurou (re)construir esse imaginário do homem comum, dirigindo-se rumo ao Oeste, atuando na fronteira, controlando e dominando o *wilderness*. A revista procurou reproduzir e fortalecer a aventura épica norte-americana por várias décadas. Nesta perspectiva os norte-americanos se destacavam, enquanto outros povos - especialmente os dos países católicos, pobres e mestiços — eram desconsiderados.

337

Tanto em Seleções quanto no Digest a região territorial da América Latina e os latino-americanos foram representados, com raras exceções, de forma negativa. Os territórios do interior eram descritos como desocupados, com população esparsa, ainda sem o domínio do homem civilizado. Ao diagnosticar que a América Latina possuía territórios “vazios” e ainda primitivos, a associação com o *wilderness* norte-americano era imediata. Penso que essa visão negativa da América Latina só pode ser entendida se compreendermos a importância histórica e a ampla gama de significados que envolvem o termo. Podemos então sugerir que a partir da idéia de *wilderness*, um dos elementos centrais do imagi-

nário norte-americano²⁸ e profundamente enraizado na cultura daquele país, o *Digest e Seleções* representaram a América Latina²⁹ no período entre 1942 e 1970.

A revista fazia um diagnóstico dos problemas da América Latina e propunha imediatamente o remédio: a única iniciativa a tomar a fim de sanar os males da região era seguir o exemplo norte-americano, especialmente o posto em ação no século XIX, quando os norte-americanos tomaram os territórios do Oeste — até mesmo metade do território mexicano numa guerra que durou dois anos e foi devastadora para o México —, confinaram índios, exterminaram espécies selvagens e transformaram o continente num espaço cultivado e industrializado pelo norte-americano branco. Na perspectiva da revista, este era o único modelo possível, não porque fosse considerado o mais adequado ou o mais viável, mas porque era entendido como universal.

Ainda hoje, a mídia norte-americana refere-se a algumas regiões da América Latina como *wilderness*, agora não mais de forma negativa como no período estudado, especialmente a região da Amazônia — a *rain forest* — que talvez seja o tema latino-americano de maior interesse das televisões e jornais norte-americanos. A floresta é vista como o maior *wilderness* do planeta, região que precisa ser preservada a qualquer custo, pois graças à bio-diversidade, à variedade de espécies animais e vegetais pode-se garantir a “sobrevivência” de um planeta assaltado pelo efeito estufa, devastações, extermínio de espécies selvagens, e já sem vida primitiva considerável. As idéias ecológicas recentes revertem o significado de *wilderness* nos últimos anos. Se antes o homem era visto como externo à natureza e agente poderoso que controlava os ambientes ameaçadores (que deviam ser utilizados em proveito desse mesmo homem), agora o homem é entendido como um ser que faz parte da totalidade da natureza, devendo respeitar e conviver com o mundo selvagem, o *wilderness*, preservando-o acima de tudo, pois só assim a vida como um todo estaria garantida.

O historiador inglês Philip John Davies, especialista em História dos Estados Unidos, afirma que na História norte-americana, mais do que qualquer outra sociedade ocidental, realidades, mitos e lendas se sobrepõem, configurando uma versão épica do desenvolvimento daquela sociedade³⁰. Muitas vezes os norte-americanos voltaram ao passado a fim de explicar os sucessos do presente e imaginar êxitos futuros. O entusiasmo e a espontaneidade decorrentes da ação do homem branco contra o *wilderness* criaram uma versão mítica, na qual os outros povos foram desconsiderados e os norte-americanos enaltecidos.

Como já afirmei, o *Digest* constantemente recuperava e reconstruía os mitos e a excepcionalidade norte-americanos. Isto certamente explica o enorme êxito que a revista conseguiu nos Estados Unidos, sendo a mais lida daquele país desde os anos 30. Ao recuperar a mitologia norte-americana encontrou resso-

nância na sociedade, e os norte-americanos responderam tornando-se fiéis leitores do Digest.

Mas, e Seleções, versão brasileira do Digest, o que explica tamanho êxito no Brasil? Evidentemente a revista não trazia artigos exclusivamente sobre a América Latina, e penso que seus artigos de auto-ajuda tiveram enorme aceitação da sociedade brasileira. Ainda assim, é preciso perguntar como os brasileiros leram e aceitaram uma visão tão negativa do latino-americano e dos territórios da região.

O primeiro aspecto a considerar é o fato de, muitas vezes, o brasileiro não se sentir latino-americano. Desta maneira, o “Brasil é e não é a América Latina”³¹. Desde a Independência, o Brasil se colocou contra seus vizinhos: uma nação coesa, unida pelo Império, impunha-se contra a forma republicana de governo, a fragmentação territorial e a “barbárie” da América hispânica³². Com o advento da República não foi diferente; intelectuais como Eduardo Prado, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, entre outros, estabeleceram a distinção entre a América Latina de língua espanhola e o Brasil, numa visão predominantemente negativa daqueles países³³.

Mais recentemente, foi a vez da mídia brasileira retomar e reforçar o imaginário dessa separação. Estes foram os casos das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, que a seu modo apresentaram a América hispânica como um todo pouco definível, sem diferenças consideráveis, e onde os temas preferidos eram a anarquia e a violência endêmica de suas sociedades. As revistas mostravam uma América hispânica atrasada economicamente e caótica politicamente, em contraposição ao Brasil ordenado, harmônico e moderno³⁴.

339

Além disso, o diagnóstico de Seleções de que a América Latina — especialmente o Brasil — possuía territórios vazios e abandonados, responsáveis pelo atraso dos países, encontrou no País um “terreno fértil”. O ambiente cultural dos anos 40, 50 e 60, veiculado principalmente nos meios de comunicação, debatia temas semelhantes aos que apresentava a revista Seleções. Basta lembrar, na década de 40 a Marcha para o Oeste, de Getúlio Vargas; o debate sobre a mudança e a construção de Brasília na região central do Brasil, nos anos 50; e a implementação das megarodovias Belém-Brasília e Transamazônica, na década de 60, que tinham o objetivo de diminuir as distâncias Norte-Sul e o isolamento de determinadas regiões.

A revista *O Cruzeiro*, por exemplo, a partir dos anos 40, acompanhou de perto esses empreendimentos: mostrou o interior do Brasil e a Amazônia como desconhecidos, e os índios foram tratados pela revista brasileira como entrave ao progresso — e em muitos momentos mostrou os Estados Unidos como referência e modelo a ser seguido para alcançar o tão propalado desenvolvimento. Dessa maneira, a visão de Seleções não pode ser vista como imposta de fora pa-

ra dentro, como acreditou uma historiografia preocupada com as questões do imperialismo — a revista encontrou ressonância na sociedade brasileira. E embora possamos afirmar que a revista nos mostrou aspectos centrais do imaginário norte-americano, o sucesso da publicação nos convida a pensar sobre o imaginário brasileiro do período.

NOTAS

* Este artigo é parte de minha pesquisa de doutorado, intitulada *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções. Wilderness, Oeste e Fronteira (1942-1970)*.

** A partir de agora a versão brasileira Seleções do Reader-s Digest, será chamada apenas de Seleções e a norte-americana Reader's Digest, de Digest.

*** Agradeço a Nicolas Shumway pelas valiosas informações sobre a presença dos peregrinos no imaginário norte-americano e a sua recuperação logo após a Independência.

¹ A revista existe ainda hoje, mas perdeu grande parte das suas características iniciais. Para a história do Reader's Digest e das suas versões internacionais, ver HEIDENRY, John. *Theirs Was The Kingdom. Lila and DeWitt Wallace and the Story of The Reader's Digest*. New York/London, W.W. Norton e Company, 1993. PLAYSTED-WOOD, James. *Of Lasting Interested. The Story of the Reader's Digest*. New York, Doubleday, 1967.

340

² SAID, Edward. *Imperialismo e Cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. Para um trabalho sobre a visão negativa dos territórios e natureza da América Latina, ver GERBI, Antonelo. *La Disputa del Novo Mundo. Historia de Una polémica 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

³ DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. XV.

⁴ Este autor escreveu um trabalho nos anos 60 que hoje é considerado o grande clássico sobre o tema. Ver NASH, Roderick. *Wilderness and American Mind*. New Haven/London, Yale University Press, 1967. Ver também WILLIAMS, David R. *Wilderness Lost. The Religious Origins of the American Mind*. Cranbury/London/Toronto: Associated University Press, 1989.

⁵ A palavra *wilderness* foi utilizada 245 vezes no Velho Testamento e 35 no Novo Testamento. Cf. NASH, Roderick, *op. cit.*, 1967, pp. 12-15.

⁶ Ainda que em português não exista uma palavra que concentre os vários significados de *wilderness*, isto não quer dizer que não existam vocábulos que correspondam ao significado. A palavra sertão, por exemplo, foi amplamente utilizada com uma carga de significados considerável. Na literatura, os romances de Guimarães Rosa procuravam, por meio da linguagem, mostrar os mistérios do sertão. É possível afirmar que existem no Brasil “vários sertões”. Ver GARCIA, Lédonias Franco. Goyaz: Uma Província no Sertão. Entre o signo da unidade nacional e a força do isolamento. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 1999.

⁷ WARNER, Sam Bass Jr. *The Urban Wilderness. A History of The American City*. Berkeley/London: University of California Press, 1995.

⁸ LE BRIS, Michel. “L’Enigme du ‘wilderness’”. In *Magazine Littéraire. Dossier Conrad*, Paris, março, 1992, nº 297.

⁹ Ver BACZCKO, Bronislaw. "Imaginação Social". In *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

¹⁰ Fenimore Cooper foi um dos primeiros escritores a trabalhar os territórios desconhecidos dos Estados Unidos, seus personagens e tipos nacionais, num conjunto de cinco romances, chamados de *Tales of Leatherstocking* (Contos dos Desbravadores): *The Pioneers* (Os Pioneiros) — 1823, *The Prairie* (A Pradaria) — 1827, *The Last of Mohicans* (O Último dos Moicanos) — 1826, *The Pathfinder* (O Desbravador) — 1840, *The Deerslayer* (O caçador de veados) — 1841.

¹¹ Cf. LE BRIS, Michel. *Op. cit.*, 1992.

¹² Cf. CONRAD, Joseph. *Heart of Darkness*. London: Penguin Books, 1995, p. 51.

¹³ Ver ROUMETTE, Sylvan. "Filmographie". In *Magazine Littéraire, Dossier Conrad*, Paris, Março 1992, p. 60, nº 297.

¹⁴ Cf. MAX, Leo. *The Machine in The Garden. Technology and The Pastoral Ideal in America*, New York: Oxford University Press, 1964, p. 41, e NEVINS, Alan e COMANGER, Henri Steele. *Breve História de Los Estados Unidos*, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 16.

¹⁵ Ver HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional/Edusp, 1969.

¹⁶ Citado por DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*, São Paulo: Napahub/Edusp, 1994, p. 21.

¹⁷ O *wilderness* como possibilidade de desenvolvimento e progresso foi incorporado também pela historiografia. O caso de maior repercussão é o ensaio do famoso historiador do final do século XIX — TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of The Frontier in American History*. In *The Frontier in American History*. New York: Dover Publications, s/d.

¹⁸ Sobre o puritanismo e a utilização da retórica puritana até os dias de hoje, relacionada à identidade norte-americana, ver BERCOVITCH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1978. Para a visão dos peregrinos sobre o *wilderness*, ver MILLER, Perry. *Errand into the Wilderness*. Cambridge/Massachusetts, 1996.

¹⁹ Sobre os mitos e a exclusividade da sociedade norte-americana construídos logo após a Independência, ver MARIENTRAS, Elise. *Les Mythes Fondateurs de La Nation Americaine*. Bruxelas: Complexe, 1992.

²⁰ Sobre a Independência norte-americana e a relação com o Adão antes da queda, ver LEWIS Richard W. B. *The American Adam*. Chicago: University of Chicago Press, Cambridge/London, 1995.

²¹ Sobre a "escola do rio Hudson", ver PRADO, Maria Ligia C. "Natureza e Identidade nas Américas". In *A América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo/Bauru: Edusp/Edusc, 1999.

²² Cf. HOFSTADER Richard. *Los Historiadores Progressistas. Turner, Beard, Parrington*, Buenos Aires: Paidós, 1968, p. 20.

²³ Durante o século XIX, os norte-americanos debateram os projetos possíveis para a nova nação. Destacaram-se duas propostas: a primeira sustentava que o país deveria se transformar numa nação agrícola, "jardim do mundo", como queria Thomas Jefferson; a segunda defendia uma nação de perfil industrial, como propunha Hamilton. Essa dualidade foi também amplamente tratada pela literatura; ver: MARX, Leo. *The Machine in The Garden. Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York/London: Oxford University Press, 1967.

²⁴ Cf. DIEGUES, Antonio Carlos. *Op. cit.*, 1994, pp. 22-23.

²⁵Sobre os parques nacionais, ver NASH, Roderick. *Op. cit*, 1967, pp. 342-378.

²⁶Informações sobre a viagem de Roosevelt estão em ORNIG, Joseph. *My Last Chance to be a Boy. Theodore Roosevelt's South American Expedition of 1913-1914*. Louisiana: Louisiana University Press, 1998.

²⁷Ver ROOSEVELT, Theodore. *Through The Brazilian Wilderness*. Pennsylvania: Stackpole Books, 1994, p. 358.

²⁸Ver BACZKO Bronislaw. "Imaginação Social". *Op. cit*, 1985.

²⁹Ver CHARTIER, Roger. *História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

³⁰Cf. DAVIES, Philip John (org.). *Representing and Imagining America*. Cornwal/England: Keele University Press, 1996, p. 11.

³¹Essa expressão foi adaptada por Maria Lígia Prado a partir da conhecida citação de Edmundo O'Gorman, ao salientar que a "América, logo após o descobrimento, era e não era a Europa". Cf. PRADO, Maria Lígia, "Introdução". In *op. cit*, 1999, p. 20.

³²GUIMARÃES, Manoel Salgado. "Nação e Civilização nos Trópicos". In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1988, p. 7.

³³Sobre a visão da América hispânica a partir da República brasileira, ver: BAGGIO, Kátia Gerab. *A "Outra" América. A América Latina na Visão dos Intelectuais Brasileiros das Primeiras Décadas Republicanas*. Tese de Doutorado, São Paulo, FFLCH-USP/ mimeo, 1998.

³⁴Sobre o imaginário da América hispânica, (re)construído pelas revistas brasileiras, ver: BAITZ, Rafael. *Um Continente em Foco: A Imagem da América Latina nas Revistas Semanais Brasileiras (1954-1964)*. Tese de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, mimeo, 1998.

Artigo recebido em 07/2000. Aprovado em 10/2000.

Revista Brasileira de História, vol. 21, nº 42